



ARTEFACTOS METÁLICOS DO MONTE MOLIÃO (LAGOS, PORTUGAL): OS ELEMENTOS DE INDUMENTÁRIA DE ÉPOCA ROMANA

Metallic artefacts from Monte Molião (Lagos, Portugal): the roman clothing elements

ANA MARGARIDA ARRUDA¹, CARLOS PEREIRA¹, ELISA SOUSA¹, DIOGO VARANDAS²

(1) UNARQ (Centro de Arqueologia). Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. a.m.arruda@letras.ulisboa.pt
(<https://orcid.org/0000-0002-7446-1104>), Carlos_samuel_pereira@hotmail.com,
e.sousa@campus.ul.pt (<https://orcid.org/0000-0003-3160-108X>)

(2) Mestrando em Arqueologia. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. dvarandas@campus.ul.pt

RESUMO:

As escavações arqueológicas levadas a efeito em Monte Molião permitiram recolher um conjunto significativo de artefactos metálicos, diversificados cronológica e funcionalmente, do qual se destacam os elementos de indumentária. Trata-se de fíbulas, de botões e de fechos de cinturão que pertencem à época romana, ocupação bem caracterizada no sítio através de sequências estratigráficas claras, que foram tidas em consideração na abordagem a estes materiais concretos.

Palavras-chave: *arqueometalurgia, fíbulas, vestuário, época romana, Algarve.*

ABSTRACT:

Among the artefacts collected in the archaeological excavations at Monte Molião there is a very significant number of metallic artefacts chronologically and functionally diversified. Between them, the elements of clothing (fibulas, buttons and belt locks) stand out, not so much for quantity, but, above all, for their chronological and cultural significance. They belong to Roman Age, Republican and Imperial times, occupations well characterized in the site by a clear stratigraphic sequence, that was considered in the approach to these specific materials.

Key words: *archaeometallurgy, fibula, Roman period, clothing, Algarve.*



Monte Molião, localizado na costa ocidental do Algarve, na margem esquerda da ribeira de Bensafrim (fig. 1), esteve ocupado entre o sec. IV a.n.e. e o sec. II d.C. As evidências dessa ocupação materializam-se em construções de âmbito doméstico e “industrial”, mas também em abundantes e diversificados materiais, quanto à matéria-prima e à funcionalidade. Tais evidências resultam dos trabalhos arqueológicos que têm decorrido no sítio desde 2006, ao abrigo de um protocolo entre a Câmara Municipal de Lagos, a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e o seu Centro de Arqueologia. Do sítio, implantado numa colina de forma oval sobranceira à linha de água e ao antigo estuário, domina-se visualmente toda a baía de Lagos e parte considerável dos territórios envolventes do curso inferior da ribeira de Bensafrim.

A importância de Monte Molião no quadro da Arqueologia Romana do Algarve é grande e, graças aos trabalhos de campo, ao estudo da arquitectura e dos materiais que temos vindo a concretizar no quadro do projecto que desenvolvemos, já não reside exclusivamente na sua eventual (e possível) correspondência ao topónimo registado nas fontes clássicas - *Laccobriga*.

A sua relevância ao longo de toda a diacronia da ocupação (IV a.n.e. - II d.C.) está demonstrada pela sua integração nas rotas comerciais do Mediterrâneo durante a Idade do Ferro e a época romana, que pode ser devidamente avaliada pela presença impressionante dos espólios importados, alguns dos quais já divulgados, como é o caso da cerâmica grega (Arruda *et al.* 2011), da cerâmica campaniense

(Dias 2010; 2015), da *terra sigillata* itálica (Arruda e Dias 2018), das ânforas da Idade do Ferro (Sousa e Arruda 2010; Arruda *et al.* 2011), republicanas (Arruda e Sousa 2013) e imperiais (Viegas e Arruda 2013; Arruda e Viegas 2016), das lucernas (Pereira e Arruda 2016), da cerâmica africana de cozinha (Arruda e Pereira 2017), da cerâmica de pasta caulínica (Pereira *et al.* 2019) e também das moedas (Muccioli 2015).

A importância do sítio é evidente ainda em outras dimensões, nomeadamente nas vivências diárias dos seus ocupantes, nas suas dietas (Detry e Arruda 2013), nas actividades económicas desenvolvidas, como a pesca (Lourenço 2010), a caça (Detry e Arruda 2013), a produção cerâmica (Arruda *et al.* 2010), a metalurgia (Arruda e Pereira 2010), a agricultura, a moagem, mas também na definição das plantas arquitectónicas (fig. 2) e na respectiva construção e reconstrução das habitações, bem como na existência de equipamentos de uso público (Gomes *et al.* 2019).

A indumentária, sendo uma forma de expressão de considerável nitidez, faz parte integrante da biografia dos seus utilizadores, porque, para além da função protectora, o vestuário está directamente relacionado com aspectos sociológicos (diferenciação social, estatuto, idade, género). Infelizmente, os restos disponíveis para os analisar são, em geral, muito escassos e, em Monte Molião, inexistentes. Assim, estamos limitados ao estudo dos artefactos que funcionaram como complementos de vestuário, concretamente as fíbula, os botões e os elementos de cinturão.

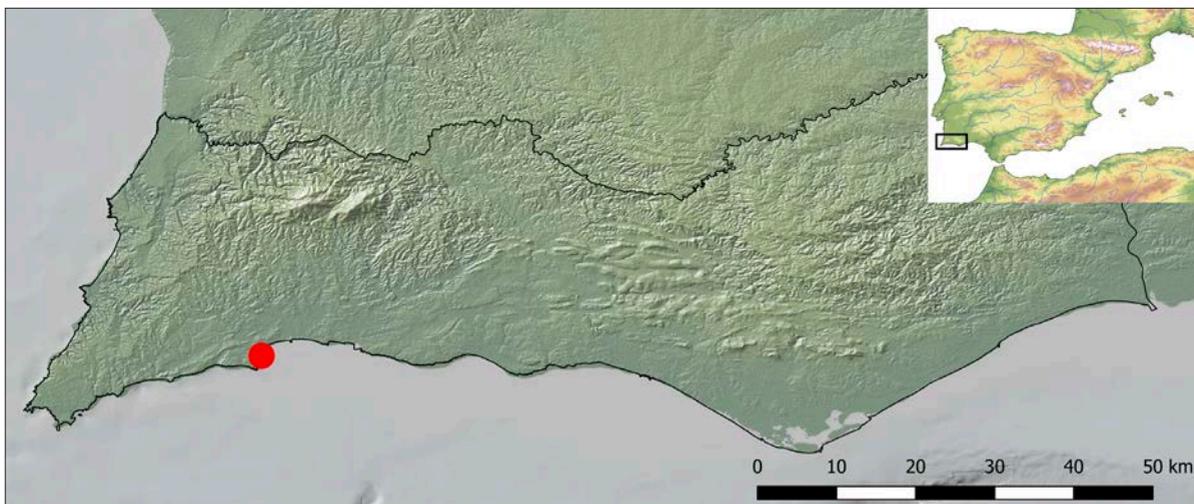


Fig. 1: Localização de Monte Molião (Lagos, Portugal). Mapa de base: Global Multi-Resolution Topography (GMRT), Version 3.4. (adaptado).

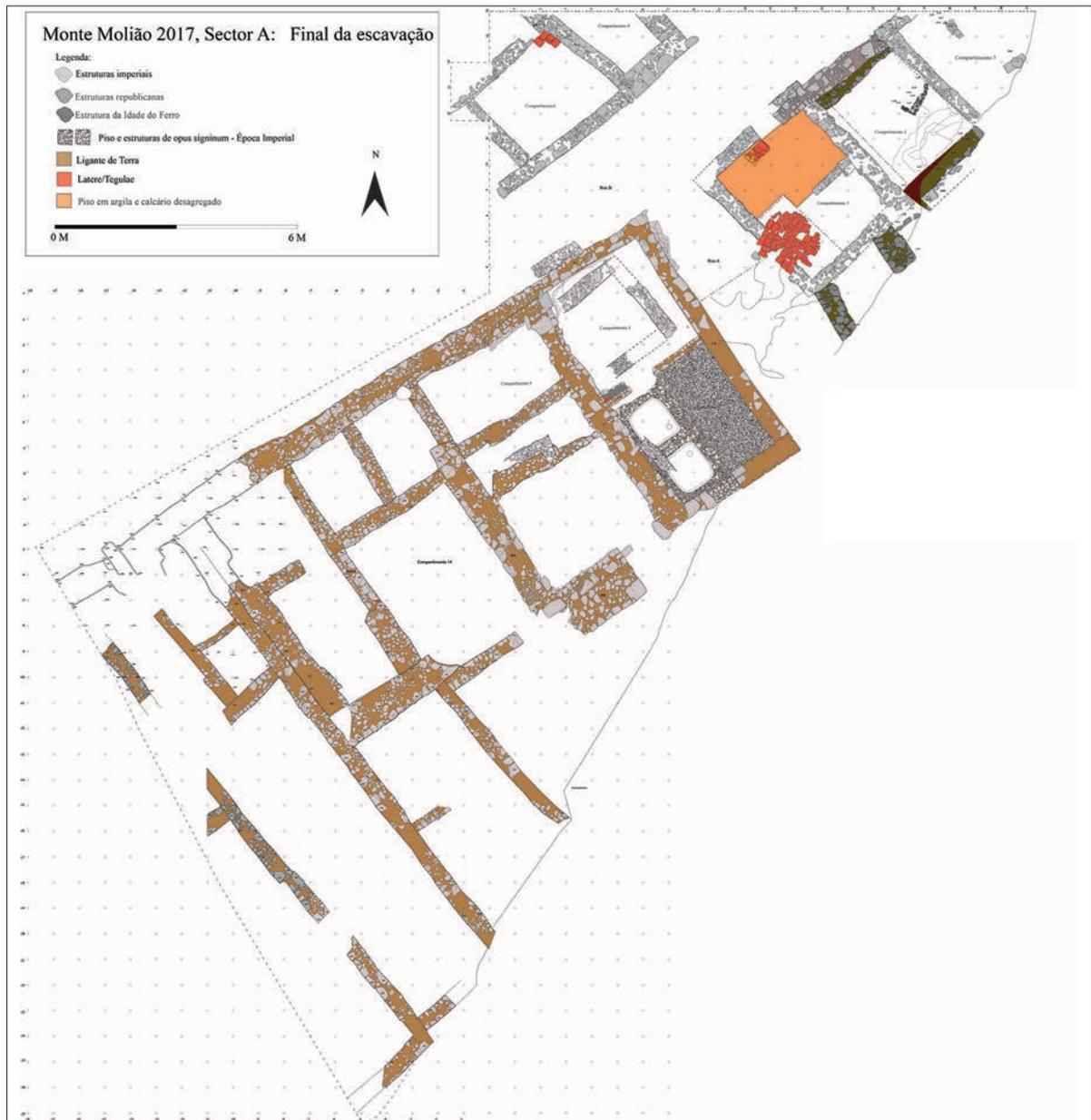


Fig. 2: Planta de síntese das estruturas escavadas no Sector A de Monte Molião.

OS ARTEFACTOS METÁLICOS DE MONTE MOLIÃO

As peças metálicas são, em Monte Molião, consideravelmente abundantes (1638 exemplares). Estão presentes em todas as fases da ocupação, mas não se distribuem de forma homogénea ao longo da diacronia, pois o seu número varia de acordo com a cronologia dos

contextos em que foram recuperadas. Os níveis que correspondem à época romana imperial foram os mais extensamente escavados, pelo que não surpreende que deles seja proveniente o maior conjunto de artefactos metálicos (1347 exemplares), número que contrasta com o da ocupação republicana (183 exemplares) e, de forma ainda mais expressiva, com o da Idade do Ferro (36 exemplares, Pereira *et al.* 2019).

Todas as categorias funcionais conhecidas estão representadas, mas, uma vez mais, nem sempre em todas as fases com a mesma intensidade. Destacam-se os complementos utilitários usados na construção, por exemplo, mas também no fabrico e reparação de mobiliário (pregos, cavilhas, rebites), que se distribuem ao longo de toda a diacronia, tal como aliás os que se relacionam com a pesca (anzóis – em todos os períodos; pesos de rede e agulhas de cozer redes apenas na época romana). Também os de adorno pessoal, de indumentária e de higiene (fíbulas, navalhas de barbear, braceletes, brincos, pulseiras, estrígil), de cavalaria, de uso doméstico (baixela, agulhas...), os relacionados com actividades agrícolas e industriais e as armas foram reconhecidos.

Este trabalho incide, exclusivamente, sobre os artefactos metálicos de época romana de Monte Molião que se relacionam com o vestuário¹, quer aqueles que eram fixados, quer os que eram aplicados. Incluímos todos os que foram recolhidos até à campanha de 2018, nomeadamente as fíbulas (25), os botões (4), os elementos de cinturão ou vestuário (14) e os pregos de *caligae* (1).

Não pode também perder-se de vista que estes materiais não representam o volume real de artefactos metálicos que terão sido utilizados durante os cerca de 400 anos, que decorreram entre o sec. II a.n.e. e o II d.C., uma vez que a reciclagem das matérias-primas empregues na metaloplastia foi uma prática comum durante a Antiguidade. Efectivamente, ao contrário das cerâmicas, que, quando se inutilizavam, eram atiradas para lixeiras, os metais, tal como, aliás, os vidros (Pereira 2012), eram refundidos, ganhando novas formas e outras funcionalidades.

Deve também deixar-se aqui registado que as actividades metalúrgicas estão atestadas no sítio, particularmente na época romana-republicana. No Sector C, foi reconhecida uma unidade de transformação do metal e de produção de artefactos de bronze/cobre e de ferro, já publicada (Arruda e Pereira 2010). Também no Sector A foi possível identificar vestígios destas actividades, nomeadamente uma forja de pequena dimensão (fig. 3), eventualmente utilizada para a realização de tarefas que exigiam a transformação do metal fora da oficina. Mais recentemente, encontrou-se, em espaço bem delimitado por muretes, um lingote de chumbo e vários vestígios de mesmo metal derretido (fig. 3). Estas actividades deixaram restos com elas relacionadas, concretamente cadinhos, pingos de fundição, restos de corte e muitas escórias.

É interessante notar que os vestígios acima mencionados datam todos de época romana-republicana, o que prova uma considerável actividade de transformação dos metais em momento antigo do período romano, situação que pode, eventualmente, justificar-se pelo incremento construtivo que, nesta época, o sítio conheceu. A necessidade de artefactos metálicos relacionados com a arquitectura é evidente, mas também não pode perder-se de vista que o aumento demográfico, que o próprio desenvolvimento construtivo explica, traduziu-se certamente em uma crescente procura de artefactos metálicos relacionados com o quotidiano.

Em Monte Molião, não foram reconhecidos os processos relacionados com a redução dos minerais, o que pode significar que o(s) artesão(s) que aí exercia(m) actividade se abasteceria(m) de matéria-prima em outros lugares, ainda que próximos. Desconhecemos se esse abastecimento era realizado directamente a partir das oficinas redutoras, na forma de lingotes, ou se o aprovisionamento seria realizado de uma forma indirecta, quer na forma de “lingotes caseiros”² ou de escória ainda com elevada percentagem de metais, a qual seria posteriormente (re)processada.

OS ELEMENTOS DE INDUMENTÁRIA

AS FÍBULAS

Em Monte Molião foram recolhidas 25 fíbulas, duas das quais pertencem à Idade do Ferro, tendo sido já publicadas (Pereira *et al.* 2019). As de época romana-republicana totalizam 14 exemplares.

Um integra-se no tipo Schüle 4h, com um arco de perfil semicircular, secção circular, mola bilateral, fuzilhão independente do corpo e apêndice caudal (fig. 4, n° 1). Em ambas as extremidades do arco, são visíveis uma série de anéis contínuos, conseguidos através do enrolamento de um fino arame, decoração que não é incomum neste tipo de fíbula (Miguez 2013: 1304). O apêndice caudal tem correspondência com o tipo I de Miguez (2010: 33, Fig. 2; 2013: 1306, Fig. 3), morfologia que parece ser a mais comum na forma “abalastrada”. Apresenta molduras anelares de altura variável, por vezes esferoidais, intercaladas por outras mais finas, incluídas em uma outra de maiores dimensões.

Conquanto seja bastante arriscada uma classificação concreta, não parece improvável que um fragmento de mola bilateral (fig. 4, n° 2) possa ter correspondência neste

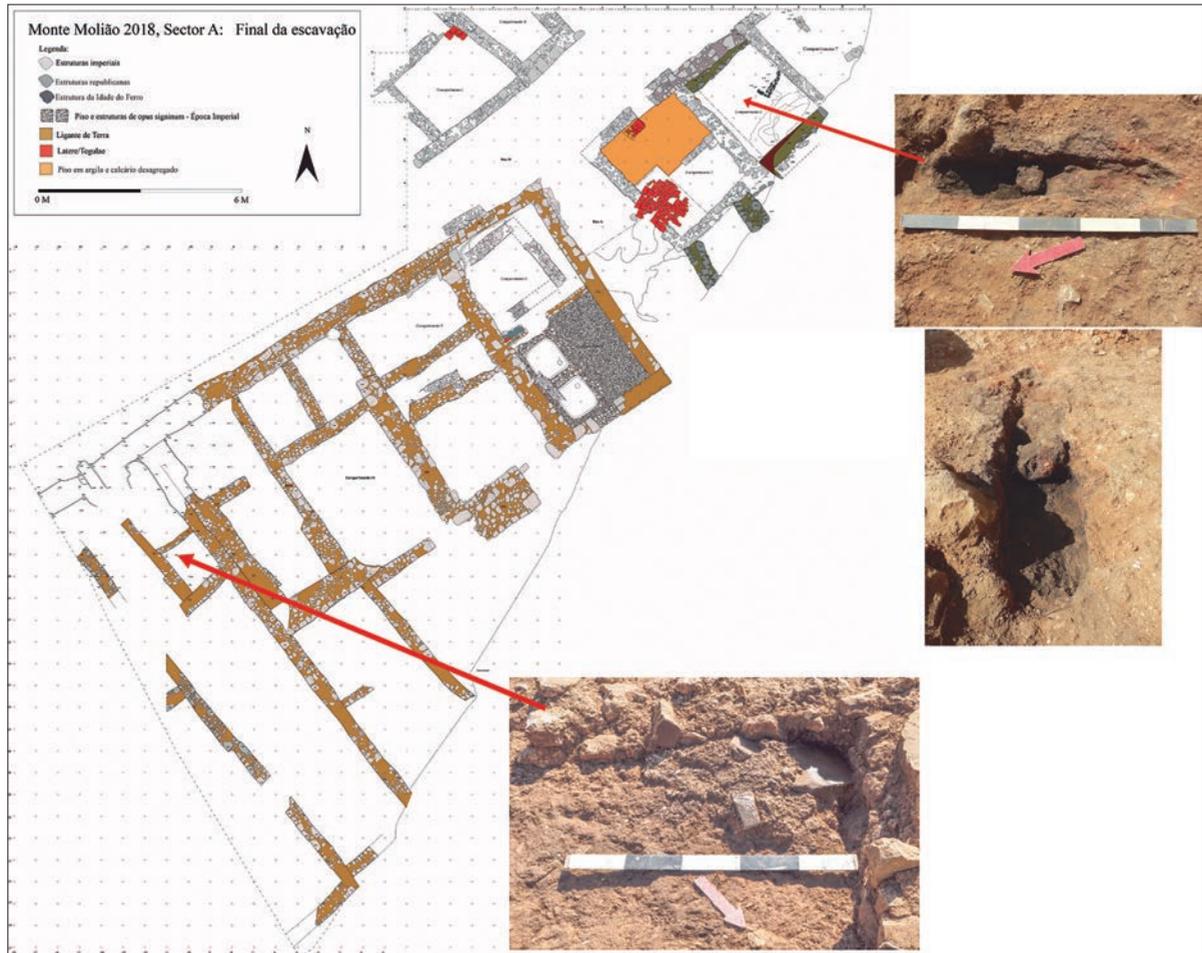


Fig. 3: Localização dos contextos metalúrgicos detectados no Sector A. Em cima à direita: forja com tubeira conservada. Em baixo: lingote de chumbo atirado para uma amalgama do mesmo metal quando ainda estava quente.

mesmo tipo. A mesma situação foi verificada para o fragmento de mola e parte do fuzilhão (fig. 4, nº 3), mas, neste caso, a sua inclusão no tipo Schüle 4h será mais provável, apesar da ausência do pé e da mola, elementos que poderiam esclarecer melhor a sua tipologia.

A cronologia que vem sendo outorgada a este tipo de artefacto, baseada em contextos de sítios concretos como é o caso de Cáceres el Viejo (Ulbert 1984: 203; Fabião 1998: Vol. II, 231), Alcáçova de Santarém (Arruda *et al.* 2002: 164), Cabeça de Vaiamonte (Fabião 1998: Vol. I, 180-200; Pereira 2018: 219 e ss.) ou Mesas do Castelinho (Miguez 2010: 39-41), parece centrar-se sobretudo no sec. I a.n.e., embora existam outros a que foram atribuídas datações mais antigas (Beirão *et al.* 1985: 93, fig. 35; Ponte 2006: 274) e também mais recentes (Miguez 2010: 37).

O exemplar de Monte Molião foi recolhido em um contexto estratigráfico primário que datamos da primeira metade do sec. I a.n.e., cronologia relativamente antiga, quando comparada com a dos seus congêneres alentejanos (Miguez 2010: 37) ou ribatejanos (Arruda *et al.* 2002: 164), mas que está de acordo com a imputada às peças de Cáceres el Viejo (Ulbert 1984: Tafel 9, 35-38) e da Cabeça de Vaiamonte (Pereira 2018: 203).

A distribuição espacial deste tipo de fíbula, a que agora se acrescenta o Algarve, evidencia uma considerável amplitude geográfica, ainda que pareça alcançar as regiões mais setentrionais apenas no sec. I a.n.e. (Miguez 2013: 1313-1314). Contudo, a sua presença parece estar mais bem documentada no Centro e Sul do território, quer no interior, como é o caso das Mesas do Castelinho

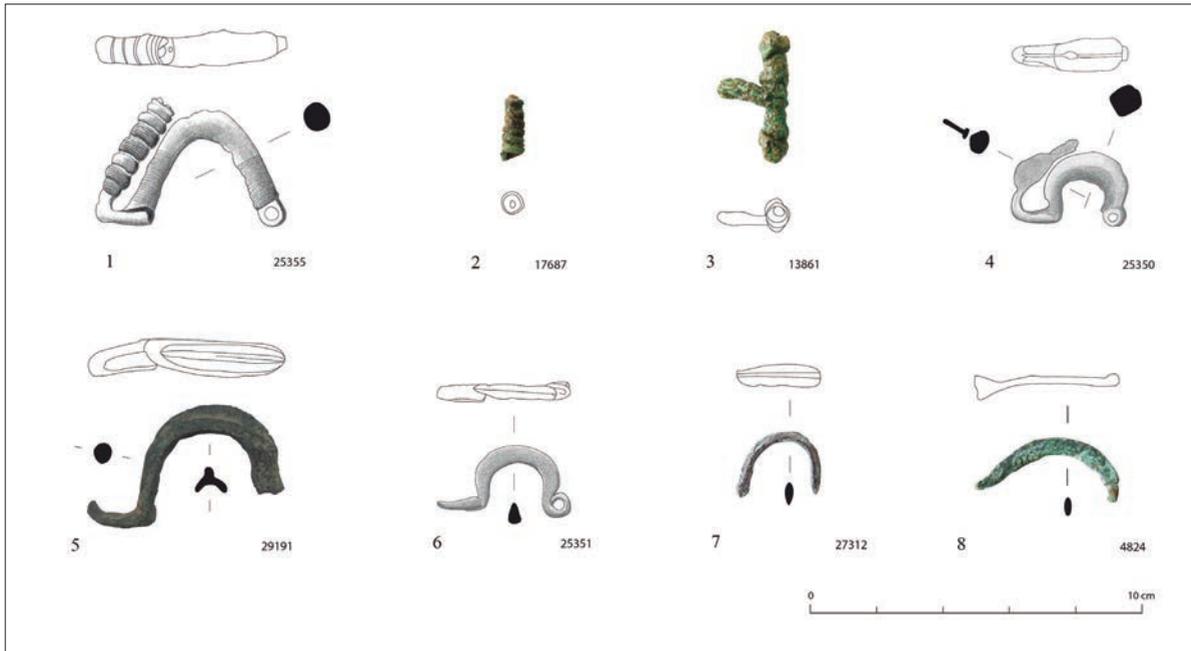


Fig. 4: Fíbulas de Monte Molião: nº 1, tipo Schüle 4h; nº 2 e 3, molas bilaterais; nº 4 a 8, tipo La Tène I.

(Míguez 2013), da Cabeça de Vaiamonte (Pereira, 2018: 219-221) e ainda de Cáceres el Viejo (Ulbert 1984), quer no litoral, destacando-se a Alcáçova de Santarém (Arruda *et al.* 2002: 164) e a Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal (Gomes 2017).

Igualmente republicanas são as duas fíbulas de tipo La Tène I (fig. 4, nº 4 e 5), tipo equivalente aos grupos II, III e IV da tipologia de Cabré e Morán (1979), Argente Oliver 8 (1994) e Ponte 24 (2006), que se juntam a outra recolhida no sítio na primeira metade do sec. passado e depositada no Museu de Lagos (Pereira 2018: 438, Fig. 209). A cronologia que lhes é habitualmente atribuída, ss. II e I a.n.e., defendida, por exemplo, para Garvão (Beirão *et al.* 1985), necrópole da Chaminé, Cerro Furado (Berrocal-Rangel 1992: 137; Fabião 1998: Vol. I, 379-380), Cáceres el Viejo (Ulbert 1984) e Mesas do Castelinho (Míguez 2010), não é incompatível com os dados de Monte Molião. Nas Mesas do Castelinho, porém, alguns exemplares podem ter alcançado momentos avançados do sec. I d.C. (Míguez 2010: 27), embora o autor que os estudou coloque, simultaneamente, a possibilidade de se tratar de peças desmobilizadas do seu contexto primário.

Dos dois exemplares mencionados, somente um deles conserva o apêndice caudal, ornitomorfo (fig. 4, nº 4), típico da forma Ponte 24, situação que se deve relacionar

com a posição que este elemento adquiria no vestuário, uma vez que, estando em posição vertical, lembra a forma de um cisne. A mola pode ser independente do arco, como parece ser o caso dos dois exemplares algarvios, integrando-se, portanto, no Grupo III de Cabré e Moran (1979: 14-17), com correspondência no tipo Argente 8.A.1 e Ponte 24b2. O arco do restante exemplar foi também integrado neste tipo, apesar da secção também ser frequente nas fíbulas de tipo Schüle 4h.

Recorde-se que este Grupo foi datado entre meados do sec. IV a.n.e. e os meados do II a.n.e., cronologia que obriga a ponderar a possibilidade de este exemplar, que é proveniente de um estrato revolvido, poder ter sido utilizado em momento pré-romano. No entanto, peças deste mesmo Grupo foram igualmente reconhecidas em contextos romano-republicanos, como é o caso de Cáceres el Viejo (Ulbert 1984), de Castrejón de Capote (Berrocal Rangel 1992: 137), de Mesas do Castelinho (Míguez 2010: 69) e da Cabeça de Vaiamonte (Pereira 2018: 208 e ss.), pelo que deixamos, neste caso concreto, a datação do exemplar lacobrigense em aberto.

Outro fragmento (fig. 4, nº 6), embora não conserve o apêndice caudal, seria constituído por uma peça única, situação que permite supor a sua classificação no Grupo II de Cabré e Moran (1979). Recorde-se que este grupo é

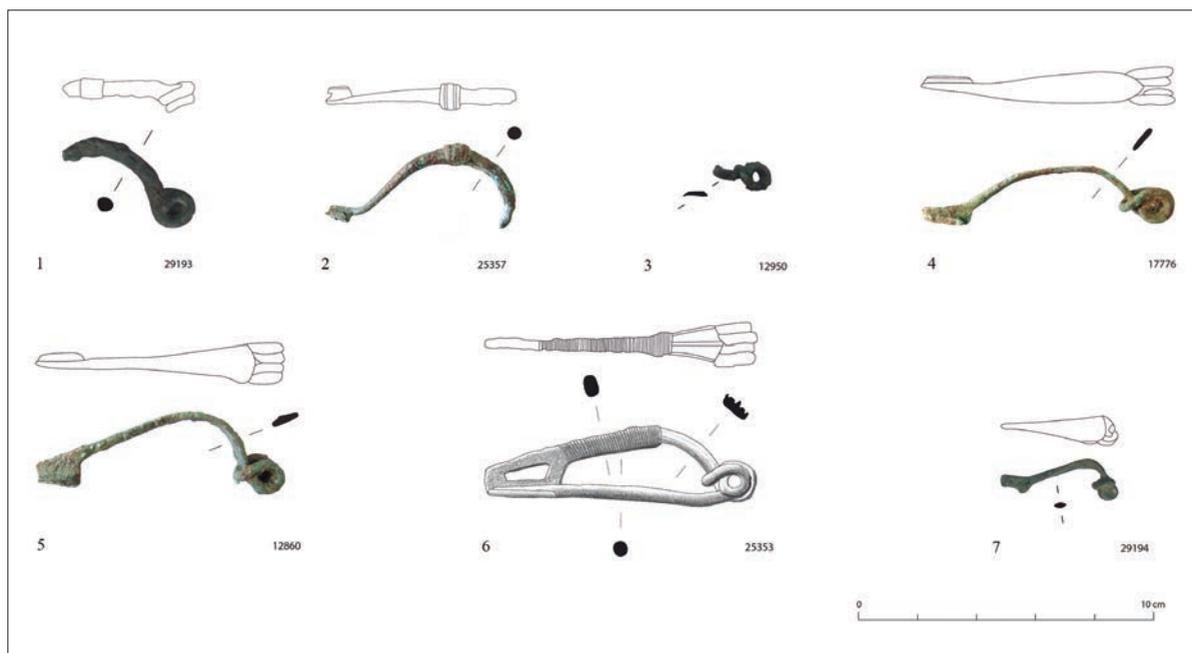


Fig. 5: Fíbulas de Monte Molião: nº 1 e 2, tipo La Tène III, pseudo-La Tène II; nº 4 a 6, tipo Nauheim; nº 7, tipo 6a1 de Michel Feugère ou tipo Nauheim.

mais raro no Ocidente, tendo sido reconhecido apenas em Cabeça de Vaiamonte (Pereira 2018: 210 e ss.) e em Castrejón de Capote (Berrocal-Rangel 1992: 137).

De difícil classificação são dois outros fragmentos de arco (fig. 4, nº 7 e 8). O primeiro é de pequenas dimensões e bastante encurvado, situação que permite sugerir que possa ter correspondido também a um artefacto de tipo La Tène I, ainda que esta classificação se faça com as devidas reservas, as quais se estendem ao segundo.

Seguramente classificáveis no tipo La Tène III, pseudo-La Tène II, equivalente aos tipos 3.2 de Érice Lacabe (1995: 36-38) e 36 de Salette da Ponte (2006: 310 e ss.), são dois outros exemplares. Estas fíbulas têm como principal característica um pé alongado, formando um apêndice caudal que se dobra sobre o arco, fixando-se neste através de uma braçadeira filiforme ou remate decorado no topo. Um deles (fig. 5, nº 1) conserva apenas o arco, mas a mola, bilateral, permite avançar com a integração no subtipo, neste caso Ponte 36a. O restante (fig. 5, nº 2), constituído por arco e descanso, pode ser enquadrado em qualquer das duas variantes (36a ou b). Ambos conservam, no topo, o remate decorado correspondente à extremidade do pé alongado.

Os trabalhos realizados no suposto ponto de origem (Feugère 1985: 190-196) foram usados como argumento

para defender que estes artefactos teriam surgido, no Ocidente, num momento indeterminado da segunda metade do sec. I a.n.e. (Miguez 2010: 86). Todavia, mesmo admitindo que a grande maioria dos exemplares do tipo 1 e 3 de Feugère se enquadra no sec. I a.C., muitas peças do tipo 1 oferecem cronologias da centúria precedente. Justamente por esse motivo, a presença deste tipo de fíbulas, no Ocidente, está demonstrada em momento anterior aos meados do sec. I a.C., como o demonstram os exemplares de Cáceres el Viejo (Ulbert 1984: Tafel 7, nº 3 e 4) e da Cabeça de Vaiamonte (Pereira 2018: 230). Infelizmente, os exemplares exumados em Monte Molião correspondem a deposições secundárias, não permitindo quaisquer considerações cronológicas.

Genericamente no tipo Nauheim recolhemos cinco fíbulas. Uma delas (fig. 5, nº 3), de que se conserva apenas a mola, foi recuperada em níveis antigos da ocupação romana-republicana, concretamente de final do sec. II a.n.e. Trata-se, provavelmente, de um contexto metalúrgico destinado à refundição de sucata (Arruda e Pereira 2010), situação que justifica o mau estado de conservação do exemplar, que classificámos com as devidas reservas. Para os restantes (fig. 5, nº 4 a 6), bastante completos e bem conservados, avançamos com uma datação ligeiramente mais tardia.

Saleta da Ponte integra estes artefactos no seu tipo 40 (Ponte 2006: 325 e ss.), subdividido por Séries, de acordo com a decoração e a complexidade de fabrico. Os exemplares de Monte Molião integram a Série A, correspondendo dois deles ao tipo Ponte A40b2 (fig. 5, nº 4 e 5). A outra fíbula, também pertencente à Série A (fig. 5, nº 6), eventualmente do tipo A40b1, pode ser considerada semelhante aos exemplares do grupo 5c9 de Michel Feugère (1985: 213-222). Porém, os exemplares gauleses não registam os anéis contínuos, o que permite considerar tratar-se, eventualmente, de um elemento adicionado, uma vez que, como vimos, esta decoração é sobretudo utilizada nas fíbulas de tipo Schüle 4h.

Deve ainda referir-se que duas delas não apresentam o típico orifício trapezoidal na pestana do porta-agulhas (fig. 5, nº 4 e 5), característica que tem justificado a sua separação das de tipo Nauheim. Por este motivo, tanto Michel Feugère (1985: tipo 4a1) como Romana Erice Lacabe (1995: tipo 6.1) consideraram estas fíbulas como tipos distintos, ainda que a autora espanhola reconheça as afinidades com as de tipo Nauheim e admita que possa corresponder a uma variante destas (1995: 45). O facto de as integrarmos no mesmo tipo demonstra que as consideramos, com efeito, variantes das fíbulas Nauheim, pois são morfológica e funcionalmente análogas. Os exemplares gauleses, além de serem fabricados em ferro (Feugère 1985: 200), confinam-se a uma área concreta.

De difícil classificação é um outro exemplar (fig. 5, nº 7), de dimensões bastante mais reduzidas, que pode ser considerado equivalente ao tipo 6a1 de Michel Feugère (1985: 229-232). O autor francófono datou este tipo de elemento de indumentária a partir das primeiras décadas do sec. I d.C., situação que é condizente com o contexto onde esta peça foi recolhida, seguramente Claudiano. A sua reduzida dimensão pode traduzir uma utilização associada a tecidos mais finos ou até ao seu uso por indivíduos juvenis. No entanto, não deve excluir-se a possibilidade de se integrar, eventualmente, o tipo 7.1a de Erice Lacabe (1995: 45-52), correspondente ao tipo Nauheim, não tendo conservado o típico orifício na pestana do porta-agulha, pois a autora apresenta alguns exemplares de forma e de dimensões idênticas.

Estes artefactos, para os quais foi já defendida uma origem gaulesa (Feugère 1985: 203-229) e norte italiana (Erice Lacabe 1995: 51), estão amplamente difundidos no Ocidente (Miguez 2010: 87-88), quase sempre associados a ocupações do sec. I a.n.e. (Schülten 1929: 213; Ulbert 1984: 53-55; Nunes *et al.* 1988: 20). Apesar de Saleta da Ponte indicar para as fíbulas de tipo Nauheim uma cronologia ampla, sec. I a.n.e. / final do sec. II, são maioritariamente provenientes de contextos militares, relacionados, portanto, com a presença de soldados (Nunes *et al.* 1988: 20; Fabião 1998: Vol. II, 535; Miguez 2010: 88). O facto de, na província romana da

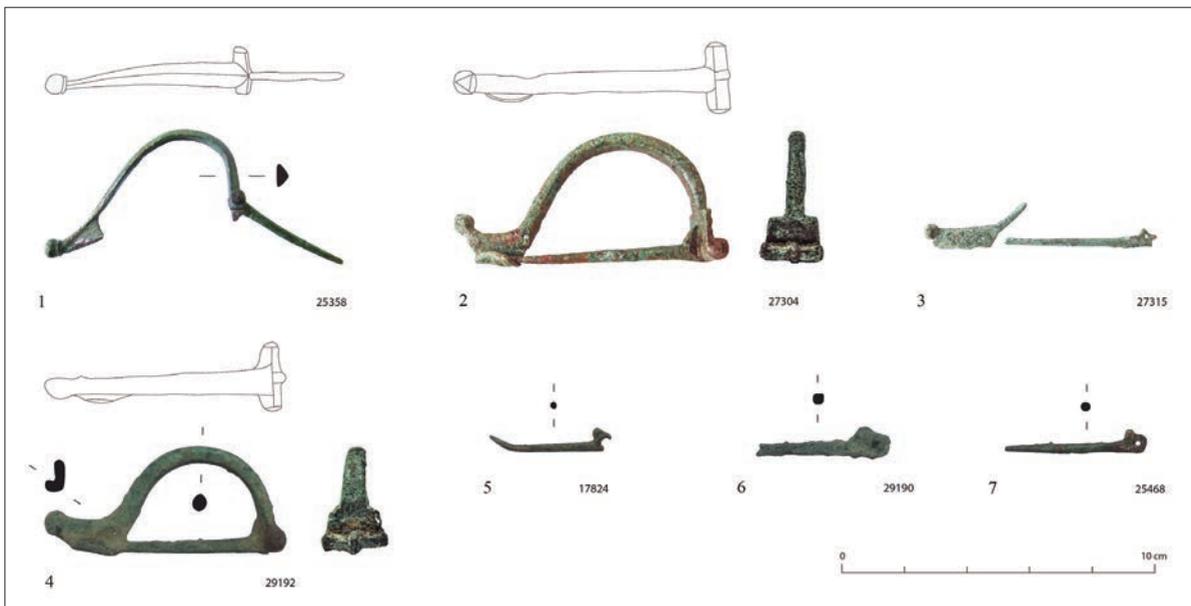


Fig. 6: Fíbulas de Monte Molião: nº 1 a 4, tipo Aucissa; nº 5 a 7, possíveis espigões de tipo Aucissa.

Narbonense, a sua difusão ser próxima do Garona, permite admitir que a sua importação tenha seguido a via marítima mediterrânea.

Seguramente de época imperial é a fíbula de tipo Aucissa, o mais difundido em todo o Império (Iniesta Sanmartín 1983: 189-192; Ponte 2006: 354-355; Miguez 2010: 92-93). Em Monte Molião, reconhecemos um total de quatro exemplares (fig. 6, nº 1 a 4) a que se poderão juntar, eventualmente, três espigões (fig. 6, nº 5 a 7).

São peças semicirculares, com a articulação da cabeça em charneira e com eixo e agulha recta (Ponte 2006: 354). Como foi já realçado (Erice Lacabe 1995: 143; Ponte 2006: 354; Miguez 2010: 92), a grande dispersão destas fíbulas deixa transparecer uma produção de grande escala, destinada a uma ampla distribuição. Uma datação balizada entre os reinados de Augusto e Cláudio (Erice Lacabe 1995: 127-128) é corroborada pelos abundantes exemplares do território actualmente português, recolhidos no trabalho de Salette da Ponte (2006: 355-360).

Os três exemplares completos (fig. 6, nº 1, 2 e 4) parecem integrar-se no tipo a/Ia ou b/Ia do tipo 42 de Salette da Ponte, não tendo qualquer decoração, morfologia que remete, sobretudo, para a primeira metade do sec. I d.C. (Feugère 1985: 323). Apesar disso, é possível admitir uma maior antiguidade para o primeiro (fig. 6, nº 1), com correspondência no tipo 22b1 de Michel Feugère (1985: 312-317), uma vez que ostenta um arco mais estreito, sendo a charneira inexistente. Os outros dois (fig. 6, nº 2 e 4), equivalentes ao tipo 22b2 da mesma tipologia (Feugère 1985), mostram uma charneira muito mais desenvolvida, em forma de placa quadrangular, mas sem qualquer moldura ou decoração, e um arco de secção circular e liso. Sublinhe-se ainda que o típico remate esférico do pé termina voltado para cima, aproximando-se de peças gaulesas (Feugère 1985: 315, nº 1633).

No Algarve, este tipo foi já identificado na colina do Castelo de Castro Marim (Pereira 2008: 101-102), em Torre d'Ares, em Tavira, e na Fonte Velha de Bensafirim, em Lagos (Pereira 2018: 224 e 422).

Ainda que algumas das fíbulas mencionadas sejam provenientes de contextos de revolvimento, pelo menos quatro delas foram recolhidas em contexto primário que considerámos do final da dinastia júlio-cláudia ou início da flávia. Além destas, outro exemplar (fig. 6, nº 7) foi recolhido no enchimento da cisterna, em estrato que foi datado do segundo quartel do sec. I (Gomes *et al.* 2019).

CATÁLOGO DE PEÇAS

Fig. 4, nº 1 – Fíbula de bronze. Arco com perfil semicircular de secção circular. Fragmento constituído por uma só peça, faltando o eixo-mola-agulha, o que faria com que fosse composta por duas peças. Extremidades do arco com um fino arame adicionado que forma uma série de anéis contínuos em redor do arco. Apêndice caudal em forma de balaústre, decorado com 5 molduras anelares que estaria coroado por um pedúnculo. Três das molduras estão decoradas com anéis contínuos.

Dimensões: Comprimento máximo, 5,7 cm; Altura máxima, 3,7 cm; Altura conservada do apêndice caudal, 3,9 cm; Diâmetro, 0,9 cm.

Fig. 4, nº 2 – Fíbula de bronze. Fragmento de mola bilateral que termina com uma volta mais aberta, tratando-se, eventualmente, do arranque da corda ou da agulha. Conserva seis voltas da mola e parte do eixo de ferro, ostentando ainda o botão da mola.

Dimensões: Largura conservada, 1,85 cm; Diâmetro máximo, 0,65 cm.

Fig. 4, nº 3 – Fíbula de bronze. Fragmento de mola bilateral que conserva ainda o arranque da agulha e as fracturas, na mola, dos arranques da corda. Ostenta seis voltas a cada lado e o eixo parece ser também de bronze, sendo difícil distinguir o botão deste a ambos lados.

Dimensões: Largura máxima, 3,5 cm; Diâmetro máximo, 0,8 cm.

Fig. 4, nº 4 – Fíbula de bronze. Arco com perfil em ferradura de secção quadrangular, ainda que na crista pareça ter uma protuberância. Fragmento constituído por uma só peça, faltando o eixo-mola-agulha, tratando-se de uma peça composta por dois elementos. O porta-agulha é triangular e pouco profundo. Apêndice caudal ornitomorfo, de secção laminar ou achatada.

Dimensões: Comprimento máximo, 3,5 cm; Altura máxima, 2,6 cm; Altura do apêndice caudal, 2,9 cm; Diâmetro máximo, 0,95 cm.

Fig. 4, nº 5 – Fíbula de bronze. Arco decorado por uma crista saliente, sendo a parte inferior côncava. Nas extremidades do arco, de secção circular, conserva parte do orifício onde trabalhava a mola bilateral e, na outra, conserva o porta-agulha alongado. Tal como a fíbula anterior trata-se de uma peça que seria composta por dois elementos. O pé está voltado para cima e fracturado, não conservando o apêndice caudal.

Dimensões: Comprimento máximo, 5,6 cm; Altura máxima, 3,3 cm; Largura máxima, 1 cm.

Fig. 4, nº 6 – Fíbula de bronze. Arco em forma de ferradura de secção triangular, o que lhe aufere um aspecto vincado na parte superior. Nas extremidades do arco conserva parte da mola, conservando ainda uma volta, e, na outra, preserva o porta-agulha triangular. Trata-se de uma fíbula fabricada em uma única peça. O pé está ligeiramente voltado para cima e fracturado, não conservando o apêndice caudal.

Dimensões: Comprimento máximo, 4 cm; Altura máxima, 2,1 cm; Largura máxima, 0,4 cm.

Fig. 4, nº 7 – Fíbula de bronze. Arco semicircular de secção ovalada com uma nervura na parte superior.

Dimensões: Comprimento máximo, 2,4 cm; Altura máxima, 1,75 cm; Largura, 0,8 cm.

Fig. 4, nº 8 – Fíbula de bronze. Arco semicircular alongado de secção laminar. Nas extremidades do arco conserva, de um lado, o arranque da primeira volta da mola e, na outra, preserva o início do porta-agulha.

Dimensões: Comprimento máximo, 4,1 cm; Altura máxima, 1,7 cm; Largura, 0,2 cm.

Fig. 5, nº 1 – Fíbula de bronze. Arco de perfil semicircular e secção circular. Conserva ainda duas voltas da mola bilateral. No topo do arco conserva apenas a braçadeira que uniria o apêndice causal à peça.

Dimensões: Comprimento conservado, 4,1 cm; Altura máxima, 2,9 cm; Largura, 0,65 cm.

Fig. 5, nº 2 – Fíbula de bronze. Arco filiforme, de secção circular e perfil semicircular. Em uma das extremidades conserva parte do porta-agulha, de secção em forma de U. Do apêndice caudal apenas resta a abraçadeira na parte superior do arco.

Dimensões: Comprimento conservado, 5,9 cm; Altura máxima, 2,65 cm; Largura, 0,8 cm.

Fig. 5, nº 3 – Fíbula de bronze. Fragmento de fíbula que conserva o arranque do arco, de secção laminar ovalada, e a mola bilateral. Desta são ainda visíveis as quatro voltas e a corda interior ao arco.

Dimensões: Comprimento conservado, 1,5 cm; Altura conservada, 1,6 cm; Largura, 0,9 cm.

Fig. 5, nº 4 – Fíbula de bronze. Arco de perfil ovalado alongado, de secção laminar. Numa das extremidades conserva o pé, de perfil triangular, e porta-agulha alongado de perfil em U. Na outra extremidade conserva a mola bilateral, com quatro voltas, de corda interior ao arco e fracturada na volta que formava a agulha.

Dimensões: Comprimento máximo, 8 cm; Altura máxima, 1,7 cm; Largura, 1,05 cm.

Fig. 5, nº 5 – Fíbula de bronze. Arco de perfil ovalado alongado, de secção laminar. Numa das extremidades conserva o pé, de perfil triangular, e porta-agulha alongado de perfil em U. Na outra extremidade conserva a mola bilateral, com quatro voltas, de corda interior ao arco e fracturada na volta que formava a agulha.

Dimensões: Comprimento máximo, 7,6 cm; Altura máxima, 2,4 cm; Largura, 1,2 cm.

Fig. 5, nº 6 – Fíbula de bronze. Arco de perfil ovalado alongado, de secção laminar, decorado na parte superior por relevos filiformes. A metade superior do arco do lado do pé está envolvida num fino arame que forma uma série de anéis contínuos em redor do arco. Numa das extremidades conserva o pé, de perfil triangular, e porta-agulha alongado de perfil em U. Conserva também o típico orifício de forma trapezoidal. Na outra extremidade conserva a mola bilateral, com quatro voltas, de corda interior ao arco e a agulha, de secção circular.

Dimensões: Comprimento máximo, 9 cm; Altura máxima, 2,6 cm; Largura, 1,2 cm.

Fig. 5, nº 7 – Fíbula de bronze de pequena dimensão. Arco de perfil ovalado alongado, de secção laminar. Numa das extremidades conserva o pé, sem que seja possível determinar se teria, ou não, o orifício trapezoidal. Na outra extremidade tem a mola bilateral, conservando apenas duas voltas, e a corda interior ao arco.

Dimensões: Comprimento máximo, 3,6 cm; Altura conservada, 1,05 cm; Largura, 0,8 cm.

Fig. 6, nº 1 – Fíbula de bronze. Arco de perfil semicircular irregular, de tendência triangular e secção triangular. O pé tem forma triangular e apresenta um botão terminal esférico delimitado por uma moldura ou anel. A cabeça não tem placa, sendo composta apenas pela charneira perfurada e pelo eixo, de ferro, no qual se articula a agulha, de secção circular.

Dimensões: Comprimento máximo, 6,1 cm; Altura máxima, 2,55 cm; Largura, 0,7 cm.

Fig. 6, nº 2 – Fíbula de bronze. Arco de perfil semicircular, de secção circular. O pé tem forma rectangular e apresenta um botão terminal prismático voltado para cima. A cabeça tem placa rectangular lisa e sem ranhuras laterais, composta pela charneira enrolada onde conserva o eixo, de ferro, no qual se articula a agulha, de secção circular.

Dimensões: Comprimento máximo, 7,85 cm; Altura máxima, 3,8 cm; Largura do arco, 0,55 cm; largura da placa, 1,7 cm.

Fig. 6, nº 3 – Fíbula de bronze. Conserva o pé, de forma rectangular com um botão terminal esférico, e o arranque do arco, de secção ovalada. Associada a este fragmento encontramos ainda a agulha, de secção circular, com o típico descanso que permitia criar a tensão.

Dimensões: Comprimento conservado, 3,1 cm; Altura conservada, 1,45 cm; Largura conservada, 0,55 cm; comprimento da agulha, 4,6 cm.

Fig. 6, nº 4 – Fíbula de bronze. Arco de perfil semicircular, de secção circular. O pé tem forma rectangular e apresenta um botão terminal esférico ligeiramente voltado para cima. A cabeça tem placa rectangular lisa com um sulco triangular a ambos lados, composta pela charneira enrolada onde conserva o eixo, de ferro, no qual se articula a agulha, de secção circular.

Dimensões: Comprimento máximo, 6,3 cm; Altura máxima, 2,85 cm; Largura do arco, 0,6 cm; largura da placa, 1,55 cm.

Fig. 6, nº 5 – Fíbula de bronze. Conserva-se apenas a agulha, de secção circular, com o típico descanso que permitia criar a tensão.

Dimensões: Comprimento conservado, 3,65 cm; Largura conservada, 0,25 cm.

Fig. 6, nº 6 – Fíbula de bronze. Conserva-se apenas a agulha, de secção subquadrangular, com o típico descanso que permitia criar a tensão.

Dimensões: Comprimento conservado, 3,8 cm; Largura conservada, 0,35 cm.

Fig. 6, nº 7 – Fíbula de bronze. Conserva-se apenas a agulha, de secção circular, com o típico descanso que permitia criar a tensão.

Dimensões: Comprimento conservado, 4,1 cm; Largura conservada, 0,3 cm.

OS BOTÕES

Os botões metálicos são raros em Monte Molião em qualquer dos períodos representados no sítio, tendo sido contabilizados quatro exemplares.

Classificámos como botão o artefacto de chumbo, com duas perfurações (fig. 7, nº 1), que se recolheu em contexto republicano, concretamente da primeira metade do sec. I a.n.e. O seu enquadramento nesta categoria é feito, contudo, com algumas reservas, porque a peça pode corresponder também a um peso, função que a própria matéria-prima permite admitir. Com efeito, alguns exemplares, tipologicamente idênticos, foram classificados como ponderais (Pereira 2018: 178-179).

Porém, a existência de duas perfurações obriga a considerar uma eventual utilização relacionada com a indumentária.

O número destes complementos de vestuário não cresceu substancialmente na época imperial. Apenas quatro botões metálicos puderam ser seguramente classificados como tal. Um deles (fig. 7, nº 2), circular, possui o encaixe de fixação na face posterior, devendo desde já referir-se que este tipo de artefactos é bem conhecido em todo o império ao longo de uma ampla diacronia. Infelizmente, o exemplar lacobrigense não conserva o remate que o fixava ao tecido, desconhecendo-se, assim, a morfologia que teria, o que permitiria discutir um pouco melhor a sua cronologia. Lembre-se, a este propósito, que os mais abundantes são os de remate em forma de L,



Fig. 7: Elementos de possível relação com a indumentária, nº 2 e 3, botões metálicos de Monte Molião.

frequentemente relacionados com o mundo militar (Feugère 2002: 74, Fig. 10, nº 41), dos quais conhecemos numerosos exemplares em Conímbriga (Alarcão *et al.* 1979: 95-99, Planche XXI, nº 84-88). Menos frequentes são aqueles cujo remate é em espigão, de que se encontraram três em Sées, na região de Orne, em França (Demarest 2007: 173, Fig. 2, nº 6, 7 e 8), onde foram classificados como apliques de arnês.

Outro botão, também de bronze/cobre (fig. 7, nº 3) e circular, foi recolhido em estrato superficial. Não possui qualquer decoração nem conserva o respectivo encaixe.

Deve ainda mencionar-se outra peça circular, de ferro, recolhida no enchimento da cisterna. Neste caso, atendendo ao contexto de recolha, tratar-se-á, seguramente, de uma peça bastante mais tardia, já que o referido contexto foi datado de final do sec. IV / início do V (Arruda e Gomes 2013; Gomes *et al.* 2019).

CATÁLOGO DE PEÇAS

Fig. 7, nº 1 – Artefacto de chumbo de forma circular, com dois orifícios circulares no centro, de secção laminar. Embora não se excluam outras classificações, não descartamos uma eventual função relacionada com a indumentária.

Dimensões: Diâmetro, 3,5 cm; espessura, 0,35 cm; diâmetro dos orifícios, 0,4 cm.

Fig. 7, nº 2 – Artefacto de bronze/cobre de forma circular e de secção irregular. No topo, rebaixado, conserva um sulco em redor e um botão no centro, com um ponto em negativo. Na parte inferior, de perfil ovalado, conserva o remate onde estaria o orifício destinado à sua fixação no tecido.

Dimensões: Diâmetro, 1,45 cm; espessura, 0,2 cm; espessura do remate inferior, 0,3 cm.

Fig. 7, nº 3 – Artefacto de bronze/cobre de forma circular e de secção laminar. O topo é liso e plano e, na parte inferior, conserva o remate onde estaria o orifício destinado à sua fixação no tecido.

Dimensões: Diâmetro, 2,45 cm; espessura, 0,15 cm; espessura do remate inferior, 0,35 cm.

ELEMENTOS DE CINTURÃO

Como complementos de vestuário, foram também classificados 14 fragmentos que parecem ter correspondido a fechos de cinturão. Contudo, as dimensões e o estado de conservação da grande maioria deles obrigam a referir que outras atribuições funcionais teriam sido

possíveis. Mas, apesar dos constrangimentos que a preservação da amostra impõe e da prudência com que devem ser encaradas estas classificações, pareceram-nos as mais adequadas.

Datam todos de época romana, tendo um sido recolhido em nível associado à ocupação romana-republicana e os restantes à imperial.

O primeiro lembra as peças fêmeas dos fechos de cinturão de tipo “céltico” da Idade do Ferro (fig. 8, nº 1), não tendo sido possível encontrar qualquer paralelo para a época romana.

Outro elemento pode ter funcionado como fivela (fig. 8, nº 2). Trata-se de uma simples argola com fuzilhão que se destinaria à fixação do cinturão. O conjunto conta também com seis espigões de fivelas (fig. 8, nº 3 a 6), que, apesar da classificação atribuída, não podemos garantir uma função na indumentária. Com efeito, o mesmo tipo de espigão, sobretudo os de secção circular (quatro exemplares), foi igualmente utilizado em fivelas de arnês.

Embora os restantes pareçam mais claros quanto à sua datação contextual, que aponta para a época flávia, a sua classificação não está igualmente isenta de dúvidas. Michel Feugère (2002: 63) alertou já para o facto de este tipo de fecho de cinturão, geralmente com forma de D e com o espigão recto e engrossado na área mesial (fig. 8, nº 4 e 5), terminando, por vezes, em forma de ponta de seta, poder ser igualmente integrado nos elementos de equitação, como está comprovado no emblemático conjunto de passadores de correia, recuperado na casa de Menandro, em Pompeia (Mackensen 2001: 330-335). Apesar disto, é consensual que estes artefactos de maiores dimensões devem ter sido utilizados como elementos de fechos de cinturão, incluídos, frequentemente, nos *militaria* romanos do sec. I d.C. Esta associação foi avançada principalmente pela sua recuperação em contextos de clara associação a outros elementos de *cingula militaria* (Deschler-Erb 1997: nº 1192 e 1193; Feugère 2002: 63; 2009: 107; Aurrecoechea Fernández 2001).

Atendendo às dimensões dos exemplares lacobrigenses, cerca de 5 cm de comprimento, parece inviável a sua utilização como passadores de correia. É bastante provável, portanto, que se trate de espigões de *cingula*, sendo mais difícil defender a sua utilização como *militaria* neste caso concreto, apesar de, e como já referimos, a grande maioria dos paralelos ser proveniente de contextos militares, nomeadamente de Haltern (Müller 2002: pl. 67, nº 740-752).

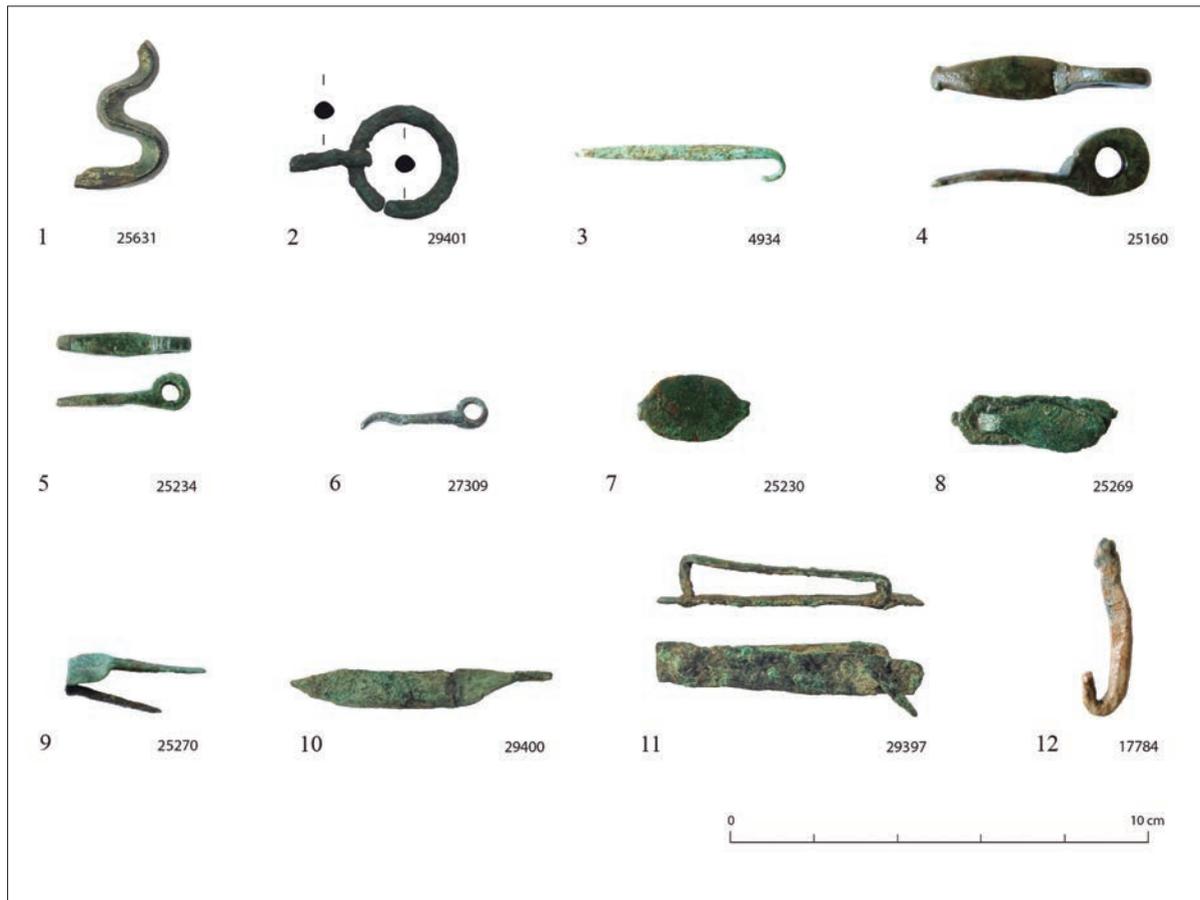


Fig. 8: Elementos metálicos de cinturão: n° 1, fecho de cinturão; n° 2, fivela circular, n° 3 a 6, espigões de fivelas; n° 7 a 12, complementos de cinturão.

Os artefactos que considerámos complementos de cinturão não são, na verdade, de fácil leitura. Trata-se de peças elaboradas a partir de dois elementos, que, ao encaixar um no outro, se fixavam em matéria orgânica (madeira, couro, tecido). Com os dados disponíveis, parece razoável a proposta que aqui apresentamos, até porque se conhece um considerável número destes complementos, alguns com caracteres que compõem curtas mensagens (Hoss 2006; Redžić 2008), neste caso relacionados com o mundo militar. Todavia, a heterogeneidade deste tipo de adereços é reconhecida, justamente porque o fabrico local da grande maioria reflecte-se em morfologias próprias e, frequentemente, inéditas. Assim, embora admitindo que estas peças (fig. 8, n° 7 a 10) possam ter sido utilizadas como complemento de outros artefactos, a proposta que apresentamos parece-nos a mais provável.

Mais dúvidas oferece um elemento idêntico (fig. 8, n° 11), igualmente composto por duas peças, que, sendo de maiores dimensões, pode ter funcionado como elemento terminal de correia ou mesmo de cinturão.

Outro elemento, de chumbo (fig. 8, n° 12), oferece bastantes dúvidas quanto à sua classificação. Por se tratar de um material bastante maleável, pode corresponder, na verdade, a um passador de correia ou mesmo a um elemento decorativo de cinturão, embora também não descartemos a possibilidade de corresponder a um simples agrafó (Feugère 2009: 127-128).

CATÁLOGO DE PEÇAS

Fig. 8, n° 1 – Artefacto de bronze/cobre, em forma de M e de secção triangular, que conserva numa das extremidades um arranque filiforme. Na parte superior está decorado com finas entalhaduras pouco visíveis.

Dimensões: Comprimento conservado, 3,6 cm; espessura, 0,5 cm; largura, 2,2 cm.

Fig. 8, nº 2 – Artefacto de bronze/cobre, composto por duas peças, uma argola, de secção circular, e uma agulha, também de secção circular. Embora se tenha considerado uma fivela, não se descarta a possibilidade de ter funcionado como fíbula, uma vez que a agulha excede o diâmetro da argola.

Dimensões: Diâmetro da argola, 2,5 cm; espessura, 0,35 cm; comprimento da agulha, 2,7 cm.

Fig. 8, nº 3 – Artefacto de bronze/cobre do qual se conservou apenas a agulha, de secção circular. A sua forma permite sugerir tratar-se de uma agulha de fivela.

Dimensões: Comprimento, 4,8 cm; espessura, 0,3 cm.

Fig. 8, nº 4 – Artefacto de bronze/cobre do qual se conservou apenas a agulha, de secção laminar. A sua forma permite sugerir tratar-se de uma agulha de fivela. Ostenta o orifício que lhe permitia a articulação, com um sulco próximo da agulha, sendo esta ovalada e terminando em forma de botão achatado.

Dimensões: Comprimento, 4,7 cm; espessura, 0,25 cm; altura da parte articulada, 1,4 cm; diâmetro do orifício, 0,6 cm.

Fig. 8, nº 5 – Artefacto de bronze/cobre do qual se conservou apenas a agulha, de secção rectangular. A sua forma permite sugerir tratar-se de uma agulha de fivela. Ostenta o orifício que lhe permitia a articulação, decorada por sulcos transversais no topo.

Dimensões: Comprimento, 2,95 cm; espessura, 0,3 cm; altura da parte articulada, 0,85 cm; diâmetro do orifício, 0,4 cm.

Fig. 8, nº 6 – Artefacto de bronze/cobre do qual se conservou apenas a agulha, de secção rectangular. A sua forma permite sugerir tratar-se de uma agulha de fivela. Ostenta o orifício que lhe permitia a articulação, terminando a agulha em forma de gancho.

Dimensões: Comprimento, 2,85 cm; espessura, 0,25 cm; altura da parte articulada, 0,7 cm; diâmetro do orifício, 0,4 cm.

Fig. 8, nº 7 – Artefacto de bronze/cobre, com forma ovalada e secção laminar, conservando em ambas extremidades o arranque de saliências filiformes.

Dimensões: Comprimento conservado, 2,5 cm; largura, 1,5 cm; espessura, 0,15 cm.

Fig. 8, nº 8 – Artefacto de bronze/cobre composto por duas peças que parecem corresponder a um grampo de indumentária. Um dos elementos é idêntico ao antes descrito. O outro corresponde a uma placa rectangular

onde se fixa aquele, por meio de duas extremidades filiformes. Não é improvável que correspondam a elementos decorativos de cinturões.

Dimensões: Comprimento conservado, 3,65 cm; largura, 1,1 cm; espessura, 0,15 cm.

Fig. 8, nº 9 – Artefacto de bronze/cobre, com forma ovalada e secção laminar, conservando em ambas extremidades os espigões de fixação, de secção circular. Provável função idêntica à do elemento anterior.

Dimensões: Comprimento conservado, 3,1 cm; largura, 1 cm; espessura, 0,15 cm.

Fig. 8, nº 10 – Artefacto de bronze/cobre, com forma subrectangular e secção laminar, conservando em ambas extremidades os espigões de fixação, de secção circular, obtidos por enrolamento. Provável função idêntica à do elemento anterior.

Dimensões: Comprimento conservado, 6,2 cm; largura, 1 cm; espessura, 0,1 cm.

Fig. 8, nº 11 – Artefacto de bronze/cobre composto por duas peças que parecem corresponder a um grampo de indumentária, com forma rectangular e secção laminar, conservando em ambas extremidades os espigões de fixação, que encaixam em orifícios da placa inferior.

Dimensões: Comprimento, 6,1 cm; largura, 1 cm; espessura, 0,15 cm.

Fig. 8, nº 12 – Artefacto de chumbo em forma de grampo, de secção circular.

Dimensões: Comprimento, 3,7 cm; largura, 1,1 cm; espessura, 0,45 cm.

CLAVI CALIGARII

O estudo dos pregos de calçado não abundam, apesar de os *clavi caligarii*, frequentes em contextos militares em momento antigo (Rodríguez Morales *et al.* 2012: 154), se terem generalizado durante o Alto-Império, mantendo-se em utilização até momento tardio (s.s III a V), como ficou comprovado em ambientes funerários (Galindo e Sánchez 2005: 74) e domésticos (Vigil-Escalera Guirado 2009: 183; 2015).

Morfológicamente, estes complementos de calçado, geralmente de ferro, possuem protuberâncias na parte inferior da cabeça que se destinavam a uma melhor fixação dos couros e tecidos. Apresentam um espigão curto e de secção quadrangular e cabeça prismática, que pode, contudo, mostrar-se aplanada, caso esteja desgastada pelo uso. É este justamente o caso do *clavus caligaris* lacobrigense, que exhibe um elevado desgaste, praticamente uniforme,

embora uma das faces pareça menos espessa, o que pode sugerir tratar-se de um elemento central na caliga.

O facto de estes elementos serem muito raras na grande maioria dos sítios deve explicar-se pelo elevado custo do calçado, custo certamente acrescido pelo número de *clavi caligarii* usado na fixação da sola, que, para além disso, se deveriam desgastar com frequência, obrigando a contínuas reparações. Assim, se por um lado nem todos tinham condições para adquirir este tipo de calçado, os que o faziam só o utilizariam em situações muito concretas e pouco frequentes, por outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escassez de artefactos metálicos relacionados com o vestuário em Monte Molião durante a época romana não deixa de surpreender, sobretudo para o momento imperial, uma vez que as áreas escavadas são consideravelmente amplas e os estratos potentes. Tal situação ficará certamente a dever-se ao processo de reciclagem dos metais, concretamente dos de bronze, processo que terá tido lugar no local, dadas as evidências de práticas metalúrgicas observadas durante os trabalhos de campo. Por outro lado, e em alguns casos, outras matérias-primas foram certamente utilizadas como complementos de indumentária, como é o caso do osso, para os botões, por exemplo.

Parece também importante deixar devidamente registado o facto de este trabalho ter contribuído para alargar os mapas de distribuição de determinados artefactos que eram ainda praticamente inéditos no Algarve, como é o caso das fíbulas republicanas Schüle 4h, La Tène I e III, e Nauheim, o último já referenciado no Castelo de Castro Marim (Pereira 2008: 100).

Apesar de muitos dos tipos de artefactos aqui tratados (sobretudo das fíbulas e dos cinturões) estarem, frequentemente, associados a contextos militares, como tivemos oportunidade de fazer referência ao longo do texto, a verdade é que o sítio de onde são provenientes os materiais agora estudados possui um carácter eminentemente civil, mesmo que se possa admitir como muito provável que nele residiram soldados desmobilizados. Esta presunção assenta também em outros conjuntos igualmente metálicos, como é o caso, por exemplo, de algumas armas (Pereira *et al.* 2019).

Por fim, resta-nos comentar que este conjunto de peças metálicas deixa antever práticas sociais e estéticas absolutamente padronizadas, quer para a etapa republicana

quer para a imperial. O vestuário usado e a maneira de o colocar sobre o corpo seguem normas sociais codificadas, veiculando mensagens que podem estar de acordo com a idade e o estatuto social, mas envolvem também aspectos práticos e estéticos.

Os dados de Monte Molião, ainda que pouco numerosos, evidenciam uma forma de vestir adaptada aos padrões de época romana, que foram plenamente vivenciados pelos respectivos habitantes.

NOTAS

1. Trabalho realizado no quadro do Projecto “Monte Molião na Antiguidade”.
2. Entenda-se aqui o conceito de “lingotes caseiros” enquanto metal de segunda geração, ou seja, derretido a partir de sucata e, portanto, reciclado.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J.; ETIENNE, R.; ALARCÃO, A.; PONTE, S. (1979): *Fouilles de Conimbriga - VII - Trouvailles diverses, conclusions générales*, Paris.
- ARGENTE OLIVER, J. L. (1994): *Las Fíbulas en la Edad del Hierro en la Meseta Oriental. Valoración tipológica, cronológica y cultural*, Madrid.
- ARRUDA, A. M.; DIAS, I. (2018): A terra sigillata itálica de Monte Molião, Lagos, Portugal, *Portugalia* 34, 159-178.
DOI: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Port/article/view/5194/4861>
- ARRUDA, A. M.; GOMES, F. B. (2013): O monte Molião (Lagos) no Baixo Império: um epifenómeno, *Conimbriga* 52, 147-163.
DOI: http://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_52_5
- ARRUDA, A. M.; PEREIRA, C. (2010): Fusão e produção: actividades metalúrgicas em Monte Molião (Lagos), durante a época romano-republicana, *Xelb* 10, 695-716.
- ARRUDA, A. M.; PEREIRA, A. (2017): A cerâmica de cozinha africana de Monte Molião (Lagos, Portugal) e o seu enquadramento regional, *Onoba* 5, 21-43.
- ARRUDA, A. M.; PEREIRA, C.; RIBEIRO, S. (2019): A cerâmica caulínica de Monte Molião (Lagos, Portugal), *Conimbriga* 58, 127-148, <<https://impactum-journals.uc.pt/conimbriga/article/view/7316/5704>>.
- ARRUDA, A. M.; SOUSA, E. (2013): Ânforas republicanas de Monte Molião (Lagos, Algarve, Portugal), *Spal* 22, 101-141.
DOI: <https://doi.org/10.12795/spal.2013.i22.05>
- ARRUDA, A. M.; SOUSA, E.; PEREIRA, C.; LOURENÇO, P. (2011): Monte Molião: um sítio púnico-gaditano no Algarve (Portugal), *Conimbriga* 50, 5-32.

- ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C. (2016): As ânforas alto imperiais de Monte Molião, *Amphorae ex Hispania: paisajes de producción y consumo. III Congreso Internacional de la Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua* (R. Járrega; P. Berni, eds.), Tarragona, 446-463.
- ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C.; BARGÃO, P. (2010): A cerâmica comum de produção local de Monte Molião, *Xelb* 10, 285-304.
- ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C.; ALMEIDA, M. J. (2002): *De Scallabis a Santarém*, Lisboa/Santarém.
- AURRECOECHEA FERNÁNDEZ, J. (2001): Accesorios metálicos de correas de cinturones militares altoimperiales hallados en Hispania, *AEA* 74, 291-304.
DOI: <https://doi.org/10.3989/aespa.2001.v74.157>
- BEIRÃO, C.; SILVA, C.; SOARES, J.; GOMES, M.; GOMES, R. (1985): Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações, *O Arqueólogo Português* IV, 3, 45-136.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1992): *Los pueblos célticos del Suroeste de la Península Ibérica*, Complutum-Extra, 2, Madrid.
- CABRÉ, E.; MORAN, J. (1979): Ensayo Tipológico de las Fíbulas con Esquema de La Tène en la Meseta Hispánica, *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología* 11-12, 10-26.
- DEMAREST, M. (2007): Le mobilier métallique découvert sur le site antique de Sées «Le Grand-Herbage» (Orne), *Revue archéologique de l'Ouest* 24, 169-189.
- DESCHLER-ERB, E. (1997): Vindonissa: ein Gladius mit reliefverzierter Scheide und Gürtelteilen aus dem Legionslager, *Jahresbericht der Gesellschaft Pro Vindonissa* 1996, 13-31.
- DETRY, C.; ARRUDA, A. M. (2013): A fauna da Idade do Ferro e época romana de Monte Molião (Lagos, Algarve): continuidades e rupturas na dieta alimentar, *Revista Portuguesa de Arqueologia* 15, 215-227.
- DIAS, V. (2010): *A cerâmica campaniense de Monte Molião*, Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada, <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/25550>>.
- DIAS, V. (2015): A cerâmica campaniense do Monte Molião, Lagos. Os hábitos de consumo no litoral algarvio durante os séculos II a.C. e I a.C., *Spal* 24, 99-128.
DOI: <https://doi.org/10.12795/spal.2015i24.05>
- ERICE LACABE, R. (1995): *Las Fíbulas del Nordeste de la Península Ibérica: siglos I a.E. al IV d.E.*, Zaragoza.
- FABIÃO, C. (1998): *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área céltica do território hoje português*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.
- FEUGÈRE, M. (1985): *Les fibules en Gaule Méridionale de la conquête à la fin du Ve s. ap. J.-C.*, Revue Archéologique de Narbonnaise, Supplément 12.
- FEUGÈRE, M. (2002): Le mobilier militaire romain dans le département de l'Hérault, *Gladius* XXII, 73-126.
- FEUGÈRE, M. (2009): Militaria et objets en os et en metal, *Le camp de la flotte d'Agrippa à Fréjus: les fouilles du quartier de Villeneuve (1979-1981)* (Ch. Goudineau, D. Brentchalloff, eds.), Paris, 107-177.
- GALINDO, L.; SÁNCHEZ, V. (2005): La necrópolis tardoantigua de "Gerona 4" en Móstoles, *Huellas: Actuaciones de la Comunidad de Madrid en el patrimonio histórico*, Madrid, 71-77.
- GOMES, F. (2017): Novos dados sobre a ocupação de época romana republicana da necrópole do Olival dos Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal): o espólio metálico, *Arqueologia em Portugal / 2017 – Estado da Questão* (J. M. Arnaud, A. Martins eds.), Lisboa, 1137-1148.
- GOMES, F.; PEREIRA, C.; ARRUDA, A. M. (2019): A cisterna de Monte Molião (Lagos, Portugal), *Spal* 28, 2, 235-278.
DOI: <https://doi.org/10.12795/spal.2019.i28.21>
- HOSS, S. (2006): VTERE FELIX und MNHMΩN – zu den gürteln mit buchstabenbeschlügen, *Archäologisches Korrespondenzblatt*, Jahrgang 36, Heft 2, 237-253.
- INIESTA SANMARTIN, A. (1983): *Las Fibulas de la región de Murcia*, Murcia.
- LOURENÇO, P. (2010): *A pesca na Antiguidade: o caso de Monte Molião (Lagos)*, Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada, <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/3731>>.
- MACKENSEN, M. (2001): Militärische oder zivile Verwendung frühkaiserzeitlicher Pferdegeschirranhänger aus der Provinz Africa Proconsularis und den Nordwestprovinzen, *Germania* 79, 325-346.
- MIGUEZ, J. (2010): *As fíbulas do Sudoeste da Península Ibérica enquanto marcadores étnicos: O Caso de Mesas do Castelinho*, Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada, <http://projects.itn.pt/Roman/Miguez_2010.pdf>.
- MIGUEZ, J. (2013): As fíbulas do tipo Schüle 4h no Sudoeste da Península Ibérica, *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, Villafranca de los Barros, 1303-1326.
- MUCCIOLI, G. (2015): *L'insieme di monete di Monte Molião: o conjunto numismático de Monte Molião*, Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada, <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/20371>>.
- MÜLLER, M. (2002): *Die römischen Buntmetallfunde von Haltern*, Mainz.
- NUNES, J. C.; FABIÃO, C.; GUERRA, A. (1988): *O acampamento militar romano da lomba do canho (Arganil)*, Arganil.
- PEREIRA, C. (2012): O Vidro: breve análise temporal e técnica, *Al-Madan Online*, 2ª s., 17.1, 61-67.
- PEREIRA, C. (2018): *As necrópoles romanas do Algarve. Acerca dos espaços da morte no extremo Sul da Lusitânia*, O Arqueólogo Português, Supl. 9, Lisboa.
- PEREIRA, C.; ARRUDA, A. M. (2016): As lucernas romanas do Monte Molião (Lagos, Portugal), *Spal* 25, 149-181.
DOI: <https://doi.org/10.12795/spal.2016i25.06>

- PEREIRA, C.; ARRUDA, A. M.; SOUSA, E. (2019): Os artefactos metálicos da Idade do Ferro do Monte Molião (Lagos, Portugal), *Lucentum* 38, 77-88, <https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/97698/6/Lucentum_38_03.pdf>.
- PEREIRA, C.; ARRUDA, A. M.; RIBEIRO, S. (2019): A cerâmica caulínica de Monte Molião (Lagos, Portugal). *Conímbriga* 58, 127-148, <<https://impactum-journals.uc.pt/conimbriga/article/view/7316/5704>>.
- PEREIRA, T. (2008): *Os Artefactos Metálicos do Castelo de Castro Marim na Idade do Ferro e em Época Romana*, Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada. [<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/393>]
- PEREIRA, T. (2018): *O papel do exército no processo de romanização: a Cabeça de Vaia Monte (Monforte) como estudo de caso*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada. [<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/37914>]
- PONTE, M. S. (2006): *Corpus Signorum das Fíbulas Proto-Históricas e Romanas de Portugal*, Coimbra.
- REDŽIĆ, S. (2008): *Vtere Felix* belt sets on the territory of *Viminacium*, *Starinar* LVIII, 155-162.
- RODRÍGUEZ MORALES, J.; FERNÁNDEZ MONTORO, J.; SÁNCHEZ SÁNCHEZ, J.; LUGO ENRICH, L. (2012): *Los clavi caligarii* o tachuelas de cáliga. Elementos identificadores de las calzadas romanas, *Lucentum* 31, 147-164. DOI: <https://doi.org/10.14198/LVCENTVM2012.31.08>
- SCHULTEN, A. (1929): *Numantia. Die Ergebnisse Der Ausgrabungen 1905-1912. Band IV - Die Lager Bei Renieblas*, München.
- SOUSA, E.; ARRUDA, A. M. (2010): A gaditanização do Algarve, *Mainake* 32 (II), 951-974.
- ULBERT, G. (1984): *Cáceres el Viejo. Ein spätrepublikanischen legionslager in Spanisch – Extremadura*, Mainz am Rhein, Madrider Beiträge, Band 11.
- VIEGAS, C.; ARRUDA, A. M. (2013): Ânforas romanas de época imperial de Monte Molião (Lagos): as Dressel 20, *Arqueologia em Portugal. 150 anos. Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, 727-735.
- VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. (2009): *Escenarios de emergencia de un paisaje social y político altomedieval en el interior de la Península Ibérica durante la quinta centuria: cerámica, necrópolis rurales y asentamientos encastillados*, Tesis de Doutoramento, Facultad de Letras de la Universidad del País Vasco